

“A União Europeia precisa de políticos como o Dr. Mota Amaral..”

Este é um problema inesperado para muitos porque pensava-se que a globalização aproximaria povos, os homens iam dar as mãos em volta do planeta, que ia haver maior concertação entre os homens. Mas, de facto, o que se está a verificar é uma tendência para cada um se fechar na sua concha. Não sei se se tratará de um fenómeno episódico ou se, pelo contrário, a globalização será muito mais economia e muito menos uma globalização de identidades e de culturas.

Que União Europeia temos e que União Europeia deveríamos ter?

Deveríamos ter uma União Europeia que fosse mais cumpridora daquilo que foram os objectivos a que se propôs quando foi formada. Parece que, agora, tudo se resolve com dinheiro, que só há problemas económicos e que a Europa se constrói à base do desenvolvimento económico. E cada vez mais se está a perder mais a visão do social, da solidariedade, sobretudo para com os mais fracos. E está a assistir-se a uma onda de nacionalismos que contraria frontalmente aquilo que eram os princípios de um quase federalismo.

É por isso que digo que as próximas eleições europeias são importantes. Poderemos, até certo ponto, perceber em que Europa é que estamos. Com estas eleições em Maio, o que vai sair em termos de composição política no Parlamento Europeu? E isso vai ser muito indicativo de onde estamos, o que somos e o que seremos.

Por isso é que eu dizia que pessoas com experiência política, com convicções políticas, e conhecedores profundos da política europeia, vão faltar no Parlamento...

... Como Mota Amaral

Sim, como o Dr. Mota Amaral.

Acredita no lançamento de foguetões a partir dos Açores?

Não tenho informação suficiente para fazer uma avaliação sobre isso.

Acredita na Praia da Vitória como um centro logístico para a navegação?

Desde que isso não seja outra zona franca, tudo bem.

Não chegou a existir Zona Franca...

Eu acho que é perigoso estarem a atirar coisas para o ar, sem estudos, sem fundamentos, e sem estarmos alicerçados nos objectivos que queremos atingir. Não sei em que fases se encontram estes estudos e o que é que eles dizem. Agora, percebo que tem de haver alguma coisa para nós irem entretendo.

Fala-se no desenvolvimento das pescas, depois, fala-se no turismo, fala-se no mar profundo e na exploração das riquezas que estão nas profundezas do mar, fala-se nos satélites e nos foguetões. Fala-se em tudo isto ao mesmo tempo.

Jaime Gama é também outro político que eu aprecio bastante. É muito ponderado, que reflecte, pensa e tem uma experiência política que é a que nós sabemos. E ele, lá de vez em quando, diz umas coisas, e as pessoas não pensam muito bem no que ele disse mas ele diz coisas, muitas vezes, sobre as quais é preciso fazer uma reflexão e pensar melhor sobre elas.

Por exemplo?

Por exemplo, houve aqui um evento da PRODATA sobre o desenvolvimento dos Açores em números promovido pela Fundação Manuel dos Santos, de que Jaime Gama é presidente, e o que nós ouvimos é preocupante. Eu, pelo menos, fiquei muito preocupado.

O outro dia ele esteve aqui numa conferência, já não sei a que título, e falou exactamente desta ques-

ão dos açorianos e questionou que é altura de saber o que é que queremos. Onde queremos investir? O que queremos para os Açores. E estudar os Açores no concerto da Europa e do mundo que hoje existe. E, então, tentarmos perceber onde é que os nossos investimentos serão melhor aplicados para termos o melhor feed-back destes mesmos investimentos. Há muita coisa no ar mas temos de saber, realmente, o que é que é prioritário e qual é o investimento que melhor serve para o desenvolvimento dos Açores?

Nós temos sempre um problema aqui que é a nossa densidade populacional. Nós somos muito poucos...

Temos problemas estruturais evidentes. Que políticas devem ser adoptadas para ultrapassar estes problemas?

Muitas vezes as pessoas desenvolvem políticas e medidas de política, mas o primeiro passo é pensar sobre que políticas. E, depois de termos pensado suficientemente, aturadamente, sobre aquilo que pretendemos, então ensaiar medidas de política. E não desenvolver políticas porque agora estão na onda. Agora, é o turismo. Não se fala em outra coisa. Toda a gente tem casas para todos. Acho isso muito bem. Se eu tivesse, se calhar, estava também no Alojamento Local. Imagine que há qualquer problema, qualquer retracção, aliás anunciada, não por mim que não sou economista, mas por economistas avalizados da esquerda à direita, como é que é?

Temos a nossa Agricultura limitada. Não pode crescer mais. Fala-se muito de pescas. Mas as pescas não atam nem desatam. Há uma cultura empresarial nas pescas que deixa muito a desejar por parte de armadores e dos próprios pescadores, em termos de formação.

As pessoas falam muito nos trabalhadores e dos dirigentes dos movimentos sindicais, dos trabalhadores que não são profissionalizados, têm pouca formação, como os trabalhadores que estão na área do turismo.

Mas há muito pouca gente a falar em falta de cultura empresarial. E a falta de cultura empresarial é um dos factores do atraso económico dos Açores na minha modesta perspectiva de ver economicamente a Região. Acontece que há muitos empregadores que têm níveis de escolaridade inferiores aos seus empregados.

Já falamos a Autonomia do passado, de há 40 anos, da autonomia do presente. Utilizou o termo mediocridade para definir a classe política...

Atenção, não é a classe política. Notámos que é há uma má preparação, se quiser, das pessoas que são profissionais da política para discutir os problemas mais importantes da política e que, hoje, nos Açores, não se estão a discutir muito por via disso – da falta de preparação política. Não é qualquer pessoa que é política. Só entre nós é que qualquer pessoa pode ser e pode estar num lugar de responsabilidade. Isto não é assim. As pessoas, para estarem num cargo de responsabilidade, têm que ter competência política. Não podem estar por causa da ficha partidária. Não podem estar só por serem dirigentes de um partido. Não podem estar à frente de uma direcção regional só porque fez campanha eleitoral, só porque é professor. Não pode ser. Não é qualquer professor que pode ter um lugar de responsabilidade na Educação ou em outro sector qualquer. Tem que haver mais qualquer coisa. E esta mais qualquer coisa sabe o que é? É o perfil político que falta no técnico.

Que Autonomia vê no futuro dos Açores?

Vejo uma Autonomia que tem, necessariamente, que ser repensada. Isto, como está, não aguenta muito tempo. O peso administrativo, os gastos com esta administração, tal como ela está gizada, não aguentará muito tempo.

Porquê?

Porque é um modelo de administração que tem gastos fabulosos e tem poucos resultados práticos. Quantas câmaras e quantos vereadores têm os Açores? Quantos deputados? Quantos directores regionais? Quantos directores de serviço? Quantos secretários regionais? Quantos assessores? E, depois, some todas estas pessoas e todos estes cargos e faça um rácio para a população dos Açores. E veja o que é que lhe vai dar isso. E agora diga-me se isso aguenta muito tempo.

Está a defender um peso administrativo da Autonomia mais leve?

Mais eficaz, não mais leve. Já reparou que somos pela Autonomia, mas somos centralistas internamente. Não gostamos de descentralizar serviços. As secretarias regionais são extremamente centralizadoras, todas elas. Não gostam de descentralizar.

Combatemos o centralismo do Terreiro de Paços mas o nosso está cá à vista de todos.

Olhe, por exemplo, a autonomia das escolas é uma farsa. Mas diz-se que há, mas não há. A autonomia administrativa e financeira das escolas não existe. A tutela é omnipresente e nada se faz sem o consentimento da tutela.

O que deve ser a Autonomia do futuro?

A Autonomia não faz sentido sem estarmos a viver com um governo autónomo, com um governo próprio. Agora, eu refiro-me à eficácia da administração que é pesadíssima e os resultados não são os melhores em termos de aproveitamento dos nossos recursos humanos, dos nossos recursos materiais.

Alguém, fora dos Açores, está a ver isso?

Sabe quem é que está a ver? Se reparar, os Conselhos de Ilha estão, neste momento, a tomar uma importância que não tinham antes, porque as pessoas, sobretudo nas ilhas que não têm departamentos governamentais, já se aperceberam que estão a ser votados ao ostracismo.

Por isso dizia há pouco que não gostava de viver na Graciosa, em São Jorge ou no Pico. Tudo está a funcionar muito com base nos ex-distritos. Então, que se assumia isto de uma vez por todas.

Já deu a entender que a Autonomia pode estar em causa.

A Autonomia não é um dado adquirido.

Pode deixar de haver Autonomia?

Sim, pode deixar de haver Autonomia por falência administrativa. Por falhanço de um saber autogovernar. Há pessoas que pensam que a Autonomia é um dado adquirido, mas não é.

As pessoas hoje pensam assim: O que é que eu ganho com isto? Com a Autonomia? E quando as pessoas estiverem a viver abaixo daquilo que seria expectável por sermos uma Região Autónoma, isto fica preso por um fio.

Como é que o problema tem vindo a ser resolvido? Com dinheiro. Dando dinheiro às pessoas, o subsídio, os dinheiros da Europa...

O Rendimento Social de Inserção...

Tudo isto, que esconde dramas sociais, que esconde níveis de vida que, nos Açores, atingem proporções dramáticas. Está tudo escondido. É ver as estatísticas. Não vejo ninguém preocupar-se com isto. Vejo falarem sobre outras coisas, foguetões..., por exemplo.

Não receia que um dia Lisboa e a União Europeia entrem pelo Açores adentro e vejam que o dinheiro que investiram não correspondeu, em termos de resultados, às suas expectativas?

Por aí, talvez não. Sabe, isso é um quintal. O dinheiro é muito para nós, mas, no conjunto da União Europeia, é insignificante e, portanto, eles nunca vão ter este tipo de preocupação.

João Paz



“Há muito pouca gente a falar em falta de cultura empresarial nos Açores”

dem do dia nos debates na televisão. Há a questão dos refugiados, e a subversão do político em benefício do poder económico. São os tais problemas deste mundo pós-moderno que eu vejo.

O mundo económico a dominar o mundo político...

...O que é perigoso. E também estamos a assistir a uma transformação, a uma mudança muito importante no mundo que vai fazer com que, a médio prazo, o mundo seja completamente diferente do que é hoje ou daquilo que, tradicionalmente, tem sido. Ou seja, a emergência de outros povos que foram sempre secundarizados, que estiveram sempre nas franjas do desenvolvimento, como a China, por exemplo, ou como outros países do sudeste asiático ou mesmo a própria Rússia. Vai dar-se um reequilíbrio de forças e de poderes económicos.

(...) E vai-se assistir a dias muitos diferentes...

Tem que os Açores deixem de ser dos açorianos?

Eu não sei se alguma vez foram. Tenho dúvidas. Este é um debate interessante que é: Somos uma Região Autónoma por causa de cultura, de identidade, por sermos diferentes? Ou somos uma Região Autónoma porque dá jeito governá-la desta maneira porque estamos distantes do centro? O que eu entendo é que, com a evolução que se operou no tempo, não somos já mais aquela região isolada, umas rochas ali no mar, que não têm contacto nenhum com a civilização. Isto acabou. Grande parte dos fundamentos deste projecto autónomo residiam precisamente aí, na insularidade, no isolamento, na distância, na incapacidade de o governo central resolver os nossos problemas. Com a revolução nos transportes, nas comunicações, com a Internet, isto já não faz sentido.

Há outras razões para continuar. A questão da identidade? Nós temos uma dimensão demasiado pequena, - mesmo que tenhamos alguma identidade - para não sermos absorvidos pelo todo nacional e europeu.

...E pelo novo mundo que anuncia, por um mundo que já não é imperial europeu, já não é controlado pelos EUA, e que emerge de franjas que eram marginais...

Exactamente. É um problema de Portugal e é um problema que se agrava nos Açores.

A globalização criou a tendência para o regresso aos nacionalismos na Europa...